

ENSAIO

CÓDIGO SECRETO

1105

TÓPICO

D

NÃO ESCREVA O SEU NOME OU QUALQUER FORMA DE IDENTIFICAÇÃO! NÃO ESCREVA O SEU CÓDIGO SECRETO NOUTRO LOCAL DESTE ENSAIO!

NÃO ALTERE O FORMATO DO TEXTO – Calibri 11, espaçamento 1.15, justificado. PODE USAR **NEGRITOS**, *ITÁLICOS* OU SUBLINHADOS.

Será boa ideia ligarmo-nos definitivamente à máquina de experiências?

A pérola cinematográfica «Truman Show» conta-nos a história do Sr. Truman, um homem que aparenta ter uma vida normal numa cidade dos Estados Unidos. Com um emprego estável, uma mulher que o ama e uma cidade que aparenta admirá-lo inteiramente, parece, na perspetiva do indivíduo, bater tudo certo. No entanto, o espectador sabe atempadamente, logo nos primeiros minutos do filme, que, na verdade, toda a vida do Sr. Truman não passa de uma mera encenação – a cidade é, na realidade, o maior estúdio de filmagens de todo o mundo, e os seus laços afetivos não passam de relações falsas com atores contratados e devidamente remunerados por tal. Infelizmente, o Sr. Truman não sabe disso, vivendo toda a sua vida numa gigantesca mentira, controlada por uma equipa que coordena e determina todas as escolhas da vida dele, mediante os atores, que cumprem ordens externas por forma a garantirem uma série televisiva de grande sucesso e elevado alcance. No ponto de vista do coordenador principal, e, igualmente, do ponto de vista dos espectadores, Truman vive, como em cima mencionei, uma vida que pode ser considerada uma vida bem vivida, uma vida perfeita (considere-se aqui uma vida «bem vivida» uma vida na qual o sujeito experiencia o máximo de felicidade possível, isto é, elevados momentos de prazer e mínima dor ou perturbação). No entanto, sendo essa perfeição uma mera encenação, será deseável viver desta forma?

Recorrendo ao tópico do ensaio, estabelecerei agora as analogias necessárias por forma a fazer a ligação entre o caso supramencionado e o tema central da tese. Da mesma forma, irei definir os conceitos sujeitos à reflexão. Em primeiro lugar, podemos entender toda a logística do «Truman Show» - coordenadores principais, atores, a ausência de possibilidade de escolha por parte do protagonista – como sendo a «máquina de experiências que poderia dar-te qualquer experiência que desejasse», frequentemente cognominado ao longo do ensaio como «sonho científico/virtual», «mergulho científico/virtual», por questões de diversidade linguística. No cenário hipotético apresentado, os cientistas seriam capazes de estimular o cérebro dos indivíduos de modo a pensar e sentir experiências do ponto de vista humano desejáveis, tal como estabelecer relações afetivas com outro ou realizar uma viagem já há muito ambicionada. Contudo, na verdade não estariam a fazer nada disso. Estariam, sim, a «flutuar num tanque de realidade virtual com elétrodos ligados ao cérebro». Daqui pode-se formular a seguinte questão: «Seria boa ideia ligar-me definitivamente à máquina, planeando de antemão as experiências da minha vida?». Importa salientar, contudo, uma diferença significativa – enquanto que no filme não se sabe ao certo o que é que o sujeito deseja (a vida dele é traçada de acordo com o estereótipo de uma «boa vida», nomeadamente ter um emprego seguro, boas relações familiares e mediante as reações emocionais aos eventos por parte do Sr. Truman) na

problemática os cientistas proporcionar-me-iam experiências que eu de facto desejaria, certamente anteriormente especificadas por mim. No entanto, para facilitar o raciocínio, considere-se que, na vida proporcionada a Truman, todas as suas vivências foram desejadas por ele (o que pode, em primeira instância, parecer impossível, mas na verdade não é, uma vez que os diretores acompanharam a vida dele desde que era apenas um feto, 24 horas por dia; aliás, eles consideram conhecê-lo melhor a ele do que ele próprio se conhece a si mesmo).

Em adição, o tema pode ser abordado de duas formas distintas, uma vez que não sabemos se quando sujeitos à experiência todas as nossas memórias e identidade seriam descartadas. Assim sendo, dividi-lo-ei em dois casos: o primeiro, e o de mais fácil argumentação, quando isso se verifica, isto é, quando o indivíduo se esquece de tudo antes de mergulhar no tanque de realidade virtual. O segundo, que exige uma reflexão mais profunda, quando o indivíduo mantém a sua identidade.

Implicando o primeiro caso uma perda de memória, a problemática prende-se de igual forma ao problema de identidade. Considere-se para efeitos de argumentação, daqui em diante, a identidade como sendo todo o conjunto de características físicas e psicológicas apresentadas por um sujeito, incluindo as suas memórias e vivências passadas, gostos e ambições. Ora, podemos imaginar o primeiro cenário da seguinte forma: falo, primeiramente, com os cientistas, esclarecendo todas as situações e emoções que pretendo sentir; posteriormente, é-me apagada a memória (sem que eu o saiba) e finalmente vivencio uma vida virtual considerada outrora perfeita por mim. Parece-me uma boa ideia? Não. Isto porque apagar a memória implica perda de identidade. Como referido anteriormente, as memórias e experiências passadas são partes da nossa identidade, pelo que ligar-me à máquina não será deseável. Prosseguirei à formalização do argumento:

P1- Se a experiência implica perda de identidade, então a experiência não é deseável.

P2- A experiência implica perda de identidade.

C1- Logo, a experiência não é deseável.

Trata-se de um argumento válido, dado que é uma instância do *Modus Ponens*. É também um argumento sólido porque, para além de válido, as suas premissas são verdadeiras. A veracidade da primeira premissa prende-se com o facto da definição de identidade pessoal. Como referi antes, todas as memórias e experiências passadas que são eliminadas antes do mergulho virtual fazem parte daquilo que nós somos, uma vez que daí resultaram os traços da nossa personalidade (por exemplo, não gosto de cães porque quando era criança fui ferozmente mordido por um). Por sua vez, a segunda premissa é verdadeira, uma vez que se está a refletir sobre o caso em que a perda de memória é uma condição necessária à realização da experiência.

Pegando aqui novamente no caso do Sr. Truman, foi esta a situação se que verificou com ele. Apesar de não ter sido deliberado (diferença significativa, pois no argumento em cima fui eu que consciente e voluntariamente tomei a decisão de me sujeitar à experiência) Truman viveu toda a sua vida sem identidade, comandado pela vontade de terceiros, por pessoas que nem sabe que existem, comandado, no limite, pela mentira. Não teve a oportunidade sequer de desenvolver uma personalidade verdadeira, o potencial de pessoa que poderia ter sido não se concretizou. Apesar da sua vida ser uma vida «bem vivida», não temos maneira de saber que foi melhor do que qualquer possível vida proporcionada pelo mundo real. Na experiência seria,

semelhantemente, comandado pelos gostos, ambições e desejos do «eu» antes da experiência que me é, aquando da perda de identidade, um total estranho. Seria, parafraseando Robert Nozick, «um borrão indeterminado».

Ora, mas e se apagar a memória não esteja, sequer, em questão? E se eu, quando me sujeito à experiência científica, continuar a ser a pessoa que era? Bem, neste caso, a questão deve ser analisada numa outra perspetiva. Por forma a defender a minha tese de que não seria, identicamente, uma boa ideia, apresentarei dois argumentos principais. O primeiro, passa pelo facto de os desejos poderem apresentar um carácter temporário, isto é, não serem imutáveis. Por sua vez, o segundo baseia-se nas restrições que todo o tanque pode perfeitamente possuir.

Primeiramente, é do meu maior interesse explorar melhor a definição de desejo, realçando o seu possível carácter temporário e mutável. É indubitável que todos nós – como seres humanos – tenhamos desejos. O desejo é, portanto, inerente ao ser humano e pode ser entendido como a vontade ou anseio profundo de fazer alguma coisa. Em adição, é provável que, em função das experiências que eu tenha ao longo do mergulho científico, vá alterando as minhas vontades. Mas, devido à sua continuidade e ao facto de a experiência ser definitiva, não tenho outra opção se não a de ficar sujeito, até à minha morte, a experiências que dantes desejáveis são-me, agora, completamente indesejáveis. Não obstante, parece haver uma pequena contradição – se eu garanto aos cientistas previamente de que todas as situações virtualmente concebidas são-me desejáveis, como é que podem daí resultar mudanças no carácter da situação que, de desejável passou para uma situação que eu evitaria a todo custo? Vejamos, os desejos podem resultar de experiências passadas. Exemplificativamente, vou ao concerto dos Coldplay no próximo mês de maio porque ouvir a música deles é-me agradável e a voz de Chris Martin traz-me uma profunda sensação de conforto. A experiência (ouvir alegremente canções da banda) levou a que eu tivesse um desejo (ir ao seu concerto). Da mesma forma, posso desejar não fazer algo porque tive uma má experiência num contexto semelhante. Por exemplo, quando era criança quase me afoguei na praia da Rocha, pelo que não desejo voltar àquela praia do Algarve, pois posso uma memória extremamente desagradável que o meu cérebro automaticamente relaciona com o local específico. No entanto, estes desejos são perfeitamente passíveis de sofrer alterações, dependendo de futuras situações. Imaginemos agora que tive uma experiência fantástica com os meus amigos na praia da Rocha que, por vontade da maioria, foi o sítio eleito para as nossas férias e cujas lembranças ultrapassam as incómodas que tinha anteriormente face à praia. É possível que com esta nova memória o meu desejo de não regressar ao Algarve seja substituído por um desejo de planear um novo período de férias com os meus colegas nesse mesmo local. Conclui-se, pois, que os desejos estão constantemente em mudança - surgindo, desaparecendo e alterando-se de acordo com a realidade vivida. Aliás, nada nos garante que, se eventualmente os cientistas fossem capazes de detetar o excesso ou ausência de substâncias indicativas da dor/prazer, conseguindo, portanto, perceber se a experiência estava a ser agradável ou não, seriam também capazes de eliminar esses estímulos, por forma a garantir que tudo o que estivesse a ser vivenciado era visto como desejável. Uma vez justificado o argumento, prosseguirei à sua formalização:

P1. Se os desejos não apresentam um carácter imutável, então não é boa ideia ligarmo-nos definitivamente à máquina de experiência.

P2. Ora, os desejos não apresentam um carácter imutável.

C1. Consequentemente, não é boa ideia ligarmo-nos definitivamente à máquina de experiência.

Mais uma vez, estamos perante um argumento válido, dado que é uma instância do *Modus Ponens*. É também um argumento sólido porque, para além de válido, as suas premissas são verdadeiras (a veracidade das premissas foi fundamentada no parágrafo anterior). Trata-se, aliás, de um argumento cogente, uma vez que as premissas são mais plausíveis do que a conclusão, tornando mais provável que um defensor da tese oposta as aceite. O caso no qual a premissa dois não é aceite será posteriormente contra-argumentado.

Finalmente, explicitarei situações que servem de argumento à minha tese e que se sustentam nas restrições que toda a lógica da experiência do mergulho virtual sugere. Em primeiro lugar, parece-me pouco provável que o número de acontecimentos e sensações desejadas de um indivíduo pode ser sequer suficiente para satisfazer todos os seus sonhos virtuais para o resto da sua vida. Tal como o excerto declara, a experiência apresenta-se como definitiva. Assim sendo, não me parece que os desejos de um indivíduo sejam de tal número que preencham o seu tempo de vida e, como consequência, seria possível que, face ao esgotamento de situações perfeitas, o indivíduo viveria como que em estado latente. Uma outra condição inerente a esta experiência é que se iriam planear de antemão as experiências das nossas vidas. Ora, parece-me que a felicidade perderia a sua essência se soubéssemos previamente que algo de bom nos iria acontecer e/ou que iríamos experienciar algo de bom. A isto acresce o facto de que toda a experiência científica é individual e, assim sendo, implica a perda de toda uma vida de relações com o outro, toda uma vida possivelmente repleta de amor genuíno e, sendo o Homem um ser social, tal não me parece desejável.

Apoiando-me novamente no caso do Sr. Truman, é muito provável que, fora da sua cidade (irreal) existam pessoas que, numa situação normal, estabeleceriam relações afetivas genuínas com ele – a possibilidade de uma vida feliz torna-se, aqui, nula, devido ao controlo da sua vida por parte de terceiros, que restringiram num nível extremo aquilo que seriam as hipotéticas situações que tornariam digna a sua vida.

No entanto, tratando-se de um problema filosófico, há quem defendam pontos de vista opostos, na medida em que consideram uma boa ideia sujeitarmo-nos à experiência. Ora, um possível argumento seria o de que viver num sonho permanente e satisfatório corresponderia a uma vida isenta de sofrimento. Porém, como já argumentei anteriormente, e reforço agora, nada nos garante o bem-estar constante do indivíduo devido ao carácter temporário dos desejos. Para além disso, não me parece eticamente correto mergulharmos neste infinito sonho (infinito, pelo menos, enquanto o cérebro tem atividade, subentenda-se, enquanto há vida), sendo que isso implica a nossa ausência no mundo real, isto é, a nossa morte para os que ficariam do «lado de cá», levando, por sua vez, ao seu sofrimento. Tal como R. Nozick afirma, este mergulho assemelha-se a uma «espécie de suicídio», porque efetivamente, desaparecemos para aqueles que continuam a viver no mundo real. Isto demonstra, de igual modo, uma posição egoísta – enquanto que os do «lado de cá» nos perdem completamente, nós podemos desejar ter experiências onde estes apareçam, mantendo, mesmo que falsa e irreal, uma relação com eles. Do ponto de vista moral não é, efetivamente, correto.

Ainda assim, pode haver casos em que não se concorda com o carácter temporário dos desejos, afirmando-se que é impossível ter experiências negativas durante o sonho virtual. Neste caso, a felicidade perde, como referi previamente, a sua essência, mas agora por outra razão. Se temos

exclusivamente experiências positivas não estaríamos, em última instância, a anular qualquer tipo de dor da nossa vida (mesmo ela virtual)? E, assim sendo, não perderíamos a noção de felicidade? Parece-me que sim. Vivemos uma vida feliz não é estarmos constantemente felizes, no topo do mundo. É, sim, termos um elevado número de momentos felizes que, aliado à existência de experiências menos boas, nos proporciona a manutenção da noção de felicidade.

Em suma, estou de acordo com R. Nozick, ou seja, acredito que não é uma boa ideia ligar-me a um tanque de realidade virtual com as características descritas. Tendo em conta a mutabilidade do desejo, bem como todas as implicações a que fico sujeito aquando do mergulho virtual, acredito que a felicidade ilusória não compensa a hipótese de evoluir no sentido de me tornar uma pessoa com as qualidades referidas no excerto - «corajosa, generosa, inteligente, engraçada ou afetuosa». O tanque não deixa espaço para o desenvolvimento emocional, intelectual e psíquico de um indivíduo, pelo que escolheria continuar a viver no mundo real, onde há espaço para a verdade. Aliás, se acordasse um dia e descobrisse que fui sujeito a essa experiência, teria a mesma reação que o Sr. Truman teve quando descobriu que toda a sua vida fora uma encenação – sentiria uma fragmentação interior imensa, uma falta de identidade que não é desejada por nenhum ser humano.